

O DISCURSO RACIAL OITOCENTISTA REPRESENTADO NA OBRA *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES* DE EMILY BRONTË¹

The eighteen hundreds racial discourse represented in Emily Brontë's *Wuthering Heights*

Ana Maria de Lima Ferreira²

Orientação: Profa. Dra. Marília de Azambuja Ribeiro Machel³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma conexão entre o discurso racial Anglo-Saxão no século XIX e a obra *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë. A obra subverte convenções do romance vitoriano ao inserir, no centro da narrativa, um protagonista de racialidade ambígua, cujas vivências são atravessadas por ideais de classe, gênero e raça de uma Europa ainda marcada pela escravidão. Por meio de análise bibliográfica e documental, com base em autores como Homi K. Bhabha, Julia Kristeva e Terry Eagleton, examina-se a construção de Heathcliff e as relações sociais na Inglaterra pós-escravidão, considerando a interseccionalidade de raça, classe e gênero. A pesquisa conclui que o romance, embora ambientado em um espaço restrito e permeado por elementos góticos, reflete e tensiona a rigidez das hierarquias sociais vitorianas, oferecendo-se como fonte histórica para compreender os mecanismos de manutenção e transformação do discurso colonial no período.

Palavras-chave: Discurso racial; Literatura gótica; *O morro dos ventos uivantes*.

ABSTRACT

The aim of this work is to establish a connection between Anglo-Saxon racial discourse in the 19th century and Emily Brontë's *Wuthering Heights*. The novel subverts conventions of the Victorian novel by placing an ambiguous racial protagonist at the center of the narrative, whose experiences are crossed by class, gender and racial ideals in a Europe still marked by slavery. A bibliographical and documentary analysis, based on authors such as Homi K. Bhabha, Julia Kristeva, and Terry Eagleton, examines the construction of Heathcliff and social relations in post-slavery England, considering the intersectionality of race, class and gender. The research concludes that the novel, although set in a restricted space and permeated by Gothic elements, reflects and stresses the rigidity of Victorian social hierarchies, offering itself as a historical source for understanding the mechanisms of maintenance and transformation of colonial discourse in the period.

Keywords: Racial discourse; Gothic literature; *Wuthering heights*.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Marília de Azambuja Ribeiro Machel; Profa. Dra. Verônica Calsoni Lima; Prof. Dr. André Sekkel Cerqueira, na seguinte data: 18 de agosto de 2025.

² Graduando em Licenciatura em História na UFPE.

³ Professora do Curso de História da UFPE.

1 INTRODUÇÃO

Emily Brontë apresenta em sua obra *O Morro dos Ventos Uivantes* um importante exemplo do discurso racial oitocentista na figura de Heathcliff, um estrangeiro que, ao ser retirado das ruas de Liverpool ainda criança e ser levado para o meio das famílias Linton e Earnshaw, se percebe como alguém não pertencente no espaço em que vive, através dos olhos daqueles que o cercam e o marginalizam por causa de sua origem desconhecida, sua classe inferior e o fato de ser um sujeito racializado. Com exceção de Cathy, filha de seu protetor e cuja relação com Heathcliff se torna catalisadora para as tragédias e eventos importantes dentro do enredo, ele é negligenciado, agredido e demonizado não só pelos membros da família Linton e Earnshaw como também pelos criados da propriedade, como é o caso de Joseph e Nelly Dean.

O objetivo deste artigo é analisar a Literatura como expressão da cultura de uma época, compreendendo como ocorre a transposição dos discursos vitorianos de classe, gênero e, sobretudo, de raça, para dentro da narrativa de Emily Brontë, como são utilizados na construção de seu protagonista e como atuam como reflexo crítico de seu público leitor. Os objetivos específicos são: i) compreender o contexto histórico-social na Europa no século XIX, sobretudo na Inglaterra, com ênfase nas teorias raciais e no pensamento colonial vigente após a abolição da escravidão; ii) analisar a educação e formação de Emily Brontë, identificando suas principais influências ao escrever a obra; iii) relacionar os estudos de raça oitocentistas, suas influências nas relações sociais e sua transposição para a Literatura na construção do personagem Heathcliff, protagonista do livro, a partir de suas relações com os demais personagens.

Antes de adentrar nos pormenores do único romance publicado pela autora, é necessário compreender de onde vêm esses discursos presentes na escrita de Emily Brontë ora de forma explícita, ora adornados de sutilezas, que no fim desaguam no mesmo lugar, o estranhamento e a necessidade de autoafirmação da superioridade do homem branco frente ao "Outro" cujas diferenças são grandes demais para serem ignoradas e inferiores demais para despertar seu interesse em compreendê-las. Iremos identificar no primeiro momento as construções de estereótipos subjetivos que ditavam quais eram as características do homem branco social vitoriano, compreendendo o funcionamento do discurso colonial que relegava aquele que não se encaixasse nessas definições a um não-lugar em uma estrutura social que se adaptava de modo a não permitir que esse indivíduo alcançasse qualquer possibilidade de

prestígio ou mobilidade social.

Se faz necessário ainda, discutir o meio em que vivia a autora, em uma Inglaterra pós-escravista, passando por um período de intensas mudanças advindas da Revolução Industrial, o surgimento de novas teorias raciais e novas descobertas científicas. A formação de Emily Brontë não foi alheia às transformações que ocorriam ao seu redor, a nível mais ou menos aprofundado, o contexto que a cercava e sua posição enquanto mulher no meio em que vivia foram elementos catalisadores em sua produção literária. Talvez tenha sido justamente por sua posição dentro dessa estrutura social, que Emily conseguiu abordar tão bem as nuances desse meio, revelando o poder da influência que o meio pode exercer sobre o sujeito e até que ponto ele serve como justificativa para suas ações.

Dentro desse contexto, Emily Brontë se apropria do gênero de horror gótico para subverter as convenções do romance inglês marcada pelo horror, pela abjeção e pela figura do estranho, representada por Heathcliff, personagem abjeto da narrativa, sobre o qual são projetados os medos e desejos dos que o cercam (Kristeva, 1982). O protagonista da obra funciona muito bem como receptáculo dos elementos do gótico do século XIX, marcados por figuras que desestabilizam normas sociais, morais e de gênero, projetando os conflitos internos e anomalias da sociedade no campo do sobrenatural. A obra fala, em última análise, sobre como a alteridade e o desejo são os catalisadores dos acontecimentos e reviravoltas do enredo, expressando as inquietações de uma Inglaterra marcada por rupturas históricas e a emergência de novas formas de lidar com o "Outro" cada vez mais presente em seu território.

Tendo como elemento muito presente em sua obra uma categoria estrutural entre relações, valores e papéis sociais como expressões ideológicas, como afirma Eagleton (1975), as influências políticas e literárias de Emily Brontë e o entendimento de seu lugar enquanto mulher na sociedade na qual vivia são transpostos para sua obra, trazendo uma relação entre sociedade e Literatura que atribui ao livro o papel de fonte histórica interessante para compreender o funcionamento da sociedade vitoriana no que tange suas relações sociais e o tratamento dispensado às pessoas de outras etnias. No último momento deste artigo, será realizada uma análise daquilo que Bhabha (1992) chama de “luta de fronteiras”, uma interpolação dos papéis de raça, classe e gênero na narrativa do *Morro dos Ventos Uivantes* a partir da crítica literária sobre o livro e a partir dos estudos que analisam esses elementos como constituintes do discurso colonial, seja para mantê-lo e transformá-lo de acordo com a necessidade de diferentes períodos, seja para romper com ele a partir de

uma compreensão mais profunda de seu funcionamento.

2 A TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO COLONIAL, O ORIENTALISMO E A ORIGEM DE HEATHCLIFF

O Morro dos Ventos Uivantes não é apenas uma das muitas produções literárias do gênero gótico durante seu *boom* no século XIX, mas funciona como documento político importante para a compreensão do período em que foi escrito, durante a era Vitoriana, anos após o Ato de Abolição da escravidão no Império Britânico, de 1833, porém, em uma sociedade onde o discurso racista é construído de forma que as pessoas como um todo são estigmatizadas a partir da classe que ocupam, seguidas da raça e cor que possuem (Althubaiti, 2015, p. 202).

A escolha da autora de ambientar os acontecimentos principais do enredo no final do século XVIII torna a questão de raça no livro ainda mais controversa, já que durante esse período o Império Britânico ainda tinha sua economia centrada no sistema escravocrata. Embora não revele se Heathcliff, seu protagonista, era um homem negro, sua história ainda se centra no seio de uma sociedade escravista e a crueldade destinada ao personagem é reflexo do desejo do homem branco inglês de demonstrar sua supremacia sobre as pessoas não-brancas.

De certa forma, Brontë, por ter nascido em 1818 e ter presenciado as mudanças políticas de sua época, ocupa uma posição que a permitiu ter um distanciamento do que realmente foi a escravidão, ainda que vivesse dentro de uma atmosfera social racista. *O Morro dos Ventos Uivantes* pode então servir como fonte histórica que nos ajuda a entender a violência e a marginalização que as pessoas não-brancas sofriam sob a dominação da supremacia branca britânica, retratando essa distorção das relações sociais no coração de Yorkshire (Periš, 2017, p. 2).

2.1 A Manutenção Epistêmica da Dominação Racial na Inglaterra Pós-Escravidão

O enredo principal se desenvolve durante a década de 1770, período da história onde o tráfico de escravizados ainda era um modelo econômico lucrativo, tendo sido proibido na Inglaterra apenas em 1807, 11 anos antes do nascimento de Emily Brontë, que, apesar de não ter tido um contato direto com escravidão, recebeu fortes influências abolicionistas de

seu pai. Embora tenha passado boa parte de sua vida na região de Yorkshire, no interior do país, a escritora não viveu alheia às mudanças pelas quais a sociedade inglesa passou durante a primeira metade do século XIX, como será visto mais à frente. Logo, apesar de estarem muito presentes no romance elementos sobrenaturais, o “social” não atua como camada superficial no enredo, mas é a matriz a partir da qual as relações e ações de todos os personagens são moldadas⁴.

Durante séculos, um das principais ferramentas de dominação racial utilizada como justificativa social e jurídica foi a religião, que para além de classificar povos originários e africanos como inferiores socialmente, os desprovia da capacidade de civilização e associava a cor de sua pele à ausência da própria alma, deixando ao homem branco a única alternativa de escravizá-los e convertê-los ao cristianismo, caso pudessem alcançar alguma salvação depois da morte. Esse pensamento colonial bebia da fonte de escritores como Gomes Eanes de Zurara, citado na obra de Bartolomé de Las Casas⁵ como um dos cronistas que via a escravidão africana como justificável através dos pecados dos escravizados, seguindo o pensamento da filosofia escolástica, o homem cai no estado servil ao pecar, e encontrava na escravidão um maior aproveitamento da vida material que transformaria os negros em cristãos. Essa tática foi muito presente nas colônias americanas, inclusive para condenar a mão de obra forçada indígena e buscar um "Outro" elegível para essa posição. No entanto, sabe-se que a presença de mão de obra escravizada também era encontrada nas metrópoles, onde esse tipo de discurso não só circulava como se enraizou no senso comum da sociedade. No caso da Inglaterra, escravizados também compunham a sociedade rural inglesa, incluindo a região de Yorkshire, local onde Emily Brontë e seus irmãos foram criados.

Após a proibição do tráfico de escravizados e abolição da escravatura, não houve nenhum tipo de movimento do Estado que buscasse extinguir o pensamento colonial racista. Com as transformações que marcaram o fim do Antigo Regime e a transição para um novo sistema econômico e social, somadas à gradual perda de influência da Igreja Católica e a ascensão das ciências sociais, surgia, na verdade, a necessidade de criação de novas formas de dominação de modo que não extinguisse o discurso colonial, mas o revestisse com ares de modernidade. O professor Homi K. Bhabha, ao falar sobre esse novo discurso colonial,

⁴ EAGLETON, Terry. *Myths of power: a Marxist study of the Brontës*. New York: Barnes and Noble, 1975.

⁵ SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. *Las Casas, Alonso de Sandoval e a defesa da escravidão negra*. TOPOI, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006, pp. 25-59.

defende o conceito de “processos de subjetividade”⁶, onde a estratégia de marginalização do "Outro" que se encontra fora da órbita eurocêntrica, não reside mais na disseminação de imagens positivas ou negativas que contrastam esses dois mundos, mas se apropria do discurso estereotípico, mascarado de ciência social que na prática não necessita de uma lógica construtiva, apenas de um excesso que insira esse tipo de discurso no dia a dia da sociedade.

Esse tipo de relação é observada na obra a partir das primeiras impressões que as famílias do Morro têm com a chegada de Heathcliff e as expressões utilizadas ao se referir ao menino estrangeiro, como por exemplo no seu primeiro contato com a família Linton, que não esconde seu horror e estranhamento ao dar de cara com essa criança estrangeira e, por isso, é associada a Heathcliff uma inclinação natural para a violência e para o crime, como constata o Sr. Linton e Isabella, respectivamente:

“[...] Ah, minha querida Mary, olhe aqui! Não tenha medo, é apenas um menino... mas o bandido faz uma careta que já deixa clara a sua intenção. Não seria uma gentileza do país enforcá-lo imediatamente, antes que ele mostrasse sua natureza tanto em atos quanto em feições?” (p. 61)

“Coisa assustadora! Coloque-o no porão, papai. Ele é exatamente como o filho da cartomante que roubou meu faisão domesticado. Não é, Edgar?” (p. 61)

Essas reações apenas reforçam o tipo de visão que existia do homem branco europeu sobre o "Outro", e aqui não falo apenas do negro africano, mas os discursos racistas eram dirigidos a todos os povos não pertencentes ao centro europeu. A professora de literatura Pauline Nestor, em sua introdução à edição do *Morro dos Ventos Uivantes* da *Penguin Classics*, aponta que o mistério que cerca Heathcliff, sua falta de narrativa pessoal (ou sua recusa em revelá-la), o torna receptáculo para as projeções e fantasias dos outros, ele é o Outro perfeito⁷. Nestor não se refere, neste trecho, apenas à projeção de raça, mas aponta também as fantasias e desejos que os personagens lhe atribuem. Como Cathy, com sua ideia

⁶ BHABHA, Homi K. A questão do “Outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Tradução de Francisco Caetano Lopes Júnior. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 177-204.

⁷ “Lacking a personal narrative, and refusing to provide one, Heathcliff becomes the receptacle of other people’s fantasies. [...] he is the perfect Other.” (NESTOR, Pauline. Introduction. In: *Wuthering Heights*. Great Britain: Cays Ltd, 2003. p. xix.

de amor que extrapola o natural e corpóreo, chegando a dizer em confissão à criada, Nelly Dean, que ela e Heathcliff dividem a mesma alma. Lockwood, o narrador e visitante do Morro e da Granja Thrushcross, acredita, a partir de seu encontro com Heathcliff, que ambos possuem as mesmas razões para seus modos reservados, confessando que concedeu a seu senhorio seus próprios atributos. O Sr. Earnshaw, benfeitor e responsável por levar Heathcliff para o meio de sua família, espelha nele a imagem de seu filho morto, concedendo-o até mesmo o nome dele, em uma tentativa de resgatar o filho perfeito.

Fica claro em diversos momentos ao longo do livro como o discurso estereotípico de Bhabha é demonstrado através dos adjetivos dados a Heathcliff pelos moradores dos Ventos Uivantes e da Granja Thrushcross, — cigano, mestiço, mestiço americano ou espanhol — até mesmo Lockwood, ao conhecê-lo como dono das propriedades da charneca, sente um estranhamento ao perceber o tom de sua pele em contraste com seus trajes e modos, podendo ser “tanto um cavalheiro quanto um fidalgo do campo”⁸. Esse tipo de pensamento era reflexo do discurso racista colonial e imperialista que Emily Brontë estava familiarizada. Apesar da atmosfera quase fantástica da charneca, onde a sociedade se resume às duas famílias e sua localização é incerta, como se fizesse parte de outra dimensão, esses elementos que tocam o meio da própria autora trazem uma dimensão social à obra que a mantém intrigante e justifica sua recepção controversa na época de sua publicação.

2.2 A Origem de Heathcliff, o Orientalismo e a Racialização Irlandesa

A professora Elsie Michie⁹ adentra a questão das referências raciais no *Morro dos Ventos Uivantes* a partir de outro ponto de vista, levando em conta uma questão muito mais pessoal e presente na vida e criação de Emily Brontë e suas irmãs: sua ascendência irlandesa por parte de pai. As escritoras eram filhas do reverendo Patrick Brontë, que possuía origem irlandesa humilde e conseguiu alcançar uma vida confortável e respeitosa com uma formação universitária e uma carreira religiosa, mudando seu sobrenome, de Prunty para Brontë, a fim de deixar no passado suas origens e se aproximar mais da aristocracia britânica.

Na década de 1840, com o devastador episódio da fome das batatas na Irlanda, conectado à dominação imperialista da Inglaterra sobre o país, o aumento do número de

⁸ BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Citadel, 2021. p. 12.

⁹ MICHIE, Elsie. From simianized Irish to oriental despots: Heathcliff, Rochester and racial difference. *Novel: A Forum on Fiction*, v. 25, n. 2, p. 125-140, inverno 1992.

imigrantes irlandeses em território inglês acentuou a já antiga xenofobia desse segundo grupo sobre o primeiro. Apesar de o reverendo Brontë ter conseguido alcançar prestígio social na sociedade inglesa, conseguir prover uma vida confortável e boa educação para suas filhas, o tratamento e o discurso destinado aos irlandeses pelos ingleses era algo que atravessava sua família. Isso se reflete nas obras das irmãs, principalmente de Charlotte e Emily, citadas por Michie em seu trabalho. No caso do *Morro dos Ventos Uivantes*, as referências aos estereótipos irlandeses são mascarados pelo artifício do orientalismo, levando o imaginário de seu público leitor a direcionar o colonialismo local para cenários imperialistas mais distantes¹⁰, trazendo uma diferenciação racial mais explícita para a obra.

A partir de algumas descrições de Heathcliff presentes no livro, ainda que se referindo à China, Índia, aos povos ciganos e as Índias Ocidentais — além dos já citados adjetivos direcionados ao personagem, a versão original da obra traz termos como *lascar*¹¹, utilizado para se referir a marinheiros indianos ou do sudeste asiático — é possível encontrar ligações com o pensamento vitoriano a respeito dos irlandeses, retratados nos jornais do período como criaturas animais semelhantes a símios, que falavam um tipo de língua ininteligível. Essa última característica liga-se diretamente à descrição que Nelly Dean faz de Heathcliff com a sua chegada à propriedade dos Earnshaw:

Na verdade, seu rosto parecia mais velho que o de Catherine, no entanto, quando ficava em pé, apenas olhava ao redor e repetia sem parar alguns murmúrios que ninguém conseguia entender. (p. 46)

Essas representações também se ligam ao local em que Heathcliff foi encontrado pelo senhor Earnshaw, nas ruas de Liverpool, local de desembarque de imigrantes irlandeses que viviam em condições subumanas. Essa situação foi presenciada por Branwell Brontë, irmão de Emily, que viajou à cidade portuária em 1845, no mesmo ano de escrita do livro, alguns meses antes, segundo Winifred Gérin em sua biografia da escritora¹².

A atribuição de diferenças de comportamento entre as características de racialização de Heathcliff também é um dos aspectos que Michie liga com os estereótipos atribuídos aos

¹⁰ MICHIE, Elsie. From simianized Irish to oriental despots: Heathcliff, Rochester and racial difference. *NOVEL: A Forum on Fiction*, v. 25, n. 2, p. 125-140, Inverno 1992: Duke University Press. p. 125.

¹¹ BRONTË, Emily. *Wuthering Heights*, Penguin Random House: United Kingdom, 2003. p. 50.

¹² MICHIE, Elsie. From simianized Irish to oriental despots: Heathcliff, Rochester and racial difference. *NOVEL: A Forum on Fiction*, v. 25, n. 2, p. 125-140, inverno 1992: Duke University Press. p. 129.

irlandeses na era vitoriana. A volatilidade emocional e a inclinação à violência de Heathcliff eram parte dessas atribuições da personalidade do irlandês, ainda que não se restrinja apenas a este grupo. Thea Sofie Pedersen¹³ argumenta que, apesar de concordar com as reflexões de Michie, Eagleton e Gérin acerca do personagem, ela não atribui a raça de Heathcliff, seja ela irlandesa, creoula ou cigana, ao paulatino crescimento de sua maldade e ao escurecimento de seu caráter, do contrário, atribui essa violência ao tratamento que lhe é dispensado desde a infância. Os questionamentos de Michie, da transformação de Heathcliff em um sujeito bruto por conta da negligência de Hindley, ou se sua maldade era inerente ao seu caráter, ou de Eagleton, que liga a estadia de Cathy na granja Thrushcross à virada no comportamento do protagonista, também levantam a discussão não só de raça, mas de seu próprio caráter. Esse é o ponto discutido por Pedersen.

Embora as ações vingativas e violentas de Heathcliff não sejam justificadas por Emily Brontë, ela deixa claro, ao abordar as violências sofridas por ele durante a infância, que seu comportamento é fruto desse passado de negligências e preconceitos, que o fazem sucumbir às estruturas de poder, deixando claro que, por ser visto como "Outro", o lugar ocupado por Heathcliff nessa estrutura é o da marginalidade. Deixando de lado os pontos de discordância entre os estudiosos citados, o lugar comum de reflexão sobre a violência de Heathcliff reside a partir do ponto onde ele é enxergado como o "Outro", tantos nos momentos em que essa diferenciação é usada para execrá-lo quanto para exaltá-lo, como é visto na passagem onde Nelly Dean consola o menino atribuindo-o a um passado de realeza:

Quem sabe seu pai era o imperador da China e sua mãe uma rainha indiana, cada um deles capaz de comprar, com a renda de uma semana, o Morro dos Ventos Uivantes e a Granja Thruschross juntos? E você foi sequestrado por marinheiros malvados e levado para a Inglaterra? Se eu estivesse em seu lugar, teria noções mais elevadas de meu nascimento. (p.70)

Esse tipo de fantasia criada por Nelly se dá justamente por sua percepção de diferenciação racial de Heathcliff, porém, apenas após ela suavizar sua visão sobre ele¹⁴, resgatando o que Homi Bhabha diz sobre a função fobia/fetiche do estereótipo, que

¹³ PEDERSEN, Thea Sofie. *Emily Brontë's Confrontation with Power Structures in Wuthering Heights: Connections between Victorian Race, Class and Gender*. Mastergradsoppgave i engelsk litteratur ved lektorutdanningen trinn 8–13 ENG–3983 May 2023. p. 7.

¹⁴ A expressão usada por Nelly para adjetivar Heathcliff é *regular black*, indicando que sua descendência não seria africana, mas sua pele escura teria origem em outro lugar.

“segundo Fanon, ameaça o fechamento do esquema racial/epidérmico do sujeito colonial e abre a estrada real à fantasia colonial”¹⁵. Por mais de uma vez, todo esse mistério ao redor da origem de Heathcliff e de suas motivações, o tornam receptáculo de fantasias e projeções por parte dos que o cercam, e, apesar de não amenizar todo o mal causado intencionalmente por ele na segunda parte do livro, Emily Brontë não soluciona esses mistérios ao seu leitor, do contrário, revela a destruição causada nas duas famílias por causa do tratamento destinado durante toda uma vida a esse intruso estrangeiro que adentra essas relações.

3 A EDUCAÇÃO DE EMILY BRONTË E A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS ABOLICIONISTAS NA INGLATERRA DO SÉCULO XIX

“Her imagination, which was a spirit more sombre than sunny, more powerful than sportive, found in such traits material whence it wrought creations like Heathcliff, like Earnshaw, like Catherine.”¹⁶

Ao escrever o prefácio da edição de 1850 do *Morro dos Ventos Uivantes*, dois anos após o falecimento de seu escritor, Ellis Bell, Charlotte Brontë revela a verdadeira identidade de seu pseudônimo, pertencente à sua irmã Emily, e a defende das duras críticas recebidas após a publicação da obra, tida como repulsiva ou ininteligível para os leitores que não foram capazes de interpretar as nuances da escrita de Emily. Contudo, um ponto interessante da leitura de Charlotte na obra da própria irmã, é a sua percepção sobre o enredo da obra e da capacidade de leitura das pessoas que Emily conseguia fazer dentro do pequeno círculo social em que vivia, já que era mais inclinada a uma vida reclusa, mas ainda assim, captando as nuances daquela sociedade rural do norte da Inglaterra, seus preconceitos, suas crenças e seus maneirismos.

Essa habilidade de representar também as questões sociais e a relação dos ingleses frente ao que era diferente, estrangeiro à sua realidade, se dá devido a educação que Emily Brontë e seus irmãos receberam. Seu pai, Patrick Brontë, apesar de não discutir os romances que suas filhas escreveram, possuía o costume de discutir política com a família e, principalmente as três irmãs — Charlotte, Anne e Emily —, receberam grande influência

¹⁵ BHABHA, Homi K. A questão do “Outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Tradução de Francisco Caetano Lopes Júnior. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 189.

¹⁶ Currer Bell (Charlotte Brontë) no prefácio do editor para a Nova Edição (1850) de *O Morro dos Ventos Uivantes*.

dos ideais abolicionistas do pai e de William Wilberforce, um dos financiadores do reverendo Brontë durante sua passagem pela universidade e um dos grandes agentes na campanha contra o tráfico de escravizados na Grã-Bretanha.

Apesar de não haver evidência concreta de quais leituras sobre o tema da escravidão compunham o repertório das irmãs Brontë, o professor Christopher Heywood¹⁷ fala sobre as obras disponíveis nas bibliotecas próximas a Haworth, lar dos Brontë, que serviriam de fonte sobre o tema e que, muito provavelmente, foram lidos e discutidos pelas irmãs. Além disso há também o material produzido por seu pai e por seus companheiros, em sua grande maioria envolvidos com os ideais abolicionistas, que nos oferece fortes evidências de que os temas que tocavam o tráfico de escravizados, suas causas e consequências e o apoio ao fim desse sistema econômico e social eram fortemente discutidos nas conversas familiares, e isso se reflete nas obras escritas pelas irmãs, aqui, no caso do *Morro dos Ventos Uivantes*, as referências já mostradas no que tange a escravidão e o racismo são muito latentes no enredo do livro.

Além de obras emprestadas na biblioteca, uma tradição de todos os irmãos Brontë era a leitura de jornais e periódicos, sendo o mais conhecido dentre os componentes do quadro de leituras da família o *Blackwood's Edinburgh Magazine*, criado em 1817 por William Blackwood, membro do partido conservador Tory, como retaliação ao *Edinburgh Review*, este sendo de autoria de jovens do partido Whig, que apesar de não ocuparem a liderança política no parlamento britânico, estavam ganhando simpatizantes através dos leitores da revista¹⁸. Essas tensões políticas que circulavam através da imprensa exerciam influência no público mais jovem, trazendo desde publicações de poesia e contos — há registros de cartas do próprio Branwell Brontë, irmão de Emily, enviadas ao editor da *Blackwood Magazine* como tentativa de integrar o quadro de escritores da revista —, até temas políticos que estavam em discussão na Grã-Bretanha, como este trecho da edição de outubro de 1833, dois meses após a aprovação da Lei de Abolição da Escravidão no Império Britânico:

“Sua abolição [da escravatura] pela Inglaterra foi um dos maiores triunfos já alcançados pela misericórdia e justiça [...] A vida bárbara é feita de todos os tipos

¹⁷ HEYWOOD, Christopher. *Africa and Slavery in the Brontë Children's Novels*. Hitotsubashi Journal of Arts and Sciences, v. 30, n. 1, p. 75-87, 1989.

¹⁸ CHRISTIE, William; COOPER, Christopher. Expiflication and Squabash: Blackwoods & the Brontës. In: *Brontë Myths*. p. 32.

de crueldade praticados e sofridos; mas a vida civilizada não é chamada por uma voz vinda do céu, mas do inferno, para se aproveitar dessa terrível desordem, e para enriquecer a si mesma com luxos, para levar a cabo um comércio que perpetua o crime e a miséria da qual se alimenta”.¹⁹

Uma das figuras que possivelmente serviu de inspiração para a construção de Heathcliff foi Frederick Douglass, ex-escravizado norte americano que se tornou uma figura abolicionista importante e ministrou palestras na Grã-Bretanha entre 1845 e 1847, período em que *O Morro dos Ventos Uivantes* foi escrito. Sua presença foi citada em jornais como o *Leeds Mercury*²⁰ — jornal assinado pelas irmãs — com uma matéria que revela, inclusive, a discriminação sofrida por Frederick em ambientes públicos, expondo o racismo que mesmo um homem livre não conseguia sobrepor. Além das evidências das frequentes leituras de jornais e revistas populares da época pelos irmãos Brontë, Heywood afirma ainda que muitos nomes escolhidos pelas irmãs para os personagens de suas histórias eram inspirados por figuras políticas da Irlanda, de Yorkshire e do Parlamento que possuíam ligação com o Emancipacionismo.

Fica claro a partir do que já foi exposto, que por mais que a obra de Emily Brontë possua as características fantásticas e sobrenaturais pertencentes ao gênero do romance gótico, a esfera do social e as ideologias que carregava não foram excluídas de sua escrita, na verdade, são constituintes de extrema importância dentro da história, desde elementos simples do dia a dia de Emily, como o dialeto de Yorkshire, a presença da religiosidade e crenças locais, até a representação de problemas sociais no que tange a escravidão, o preconceito racial e a relação da sociedade rural inglesa com o estrangeiro.

O real, o sobrenatural e os elementos que os unem na obra, no entanto, não foram suficientes para agradar o público geral ou os críticos da época. Publicado em 1847 na Inglaterra, o romance de Ellis Bell surgiu como um produto muito desconectado de seu tempo. A brutalidade e a violência tão presentes nas duas gerações das famílias retratadas na história chocaram o público e a devoção do protagonista por sua companheira de infância e

¹⁹ “*Its abolition in England was one of the greatest triumphs ever achieved by mercy and justice [...] Barbarous life is made up of all kinds of cruelty done and suffered; but civilized life is not called on by a voice from heaven, but from hell, to avail itself of that dreadful disorder, and in order to enrich itself with luxuries, to carry on a commerce that perpetuates the crime and misery by which it is fed.*” M. J. CHAPMAN. Barbadoes. A Poem. *Blackwood Edinburgh Magazine*, London: James Fraser, Regent Street. vol. nº 34, p. 504-505, jul - dez de 1833. (Tradução própria).

²⁰ DEPARTURE OF FREDERICK DOUGLASS. *The Leeds Mercury*, Yorkshire: England, 10 abr. 1847, p. 7. Disponível em: British Newspaper Archive. Acesso em: 06 jul. 2025.

o tratamento destinado a ele por seus algozes não agem como justificativas para suas ações, nem são capazes de redimi-lo, como afirmam as seguintes críticas publicadas em diferentes jornais entre 1847 e 1848:

“[...]os incidentes são demasiado grosseiros e desagradáveis para serem atraentes, sendo os melhores improváveis, com uma mancha moral, e a vilania não conduzindo a resultados suficientes para justificar os elaborados esforços empreendidos na sua representação. A execução, todavia, é boa: concede ao escritor tudo que é necessário no que diz respeito à matéria, e o delineamento é forte e verdadeiro” (*Spectator*, 18 dez 1847, autor desconhecido. Tradução própria)²¹

“Aqui todas as falhas de *Jane Eyre* (de Charlotte Brontë) são ampliadas mil vezes, e a única consolação que temos ao refletir sobre ela é que nunca será lida pelo público em geral.” (North British Review, por volta de 1847, James Lorimer. Tradução própria)²²

“O Morro dos Ventos Uivantes é um livro estranho — que escapa a qualquer crítica regular; no entanto, é impossível começar e não o acabar; e é igualmente impossível pô-lo de lado e não dizer nada sobre ele. No meio da perplexidade do leitor, as ideias que predominam na sua mente em relação a este livro são provavelmente — crueldade brutal e amor semi selvagem. É difícil dizer qual a moral que o autor deseja que o leitor deduza da sua obra; e nós abstermo-nos de atribuir qualquer moral, porque, para falar honestamente, não descobrimos mais do que meros vislumbres de moral oculta ou significados secundários” (Douglas Jerrold’s Weekly Newspaper, 15 jan 1848, anônimo. Tradução própria).²³

A fuga da rota tradicional das obras de Romance vitorianas e um protagonista tão

²¹ “[...] the incidents are too coarse and disagreeable to be attractive, the very best being improbable, with a moral taint about them, and the villainy not leading to results sufficient to justify the elaborate pains taken in depicting it. The execution, however, is good: grant the writer all that is requisite as regards matter, and the delineation is forcible and truthful.”

²² “Here all the faults of *Jane Eyre* (by Charlotte Brontë) are magnified a thousand fold, and the only consolation which we have in reflecting upon it is that it will never be generally read.”

²³ “*Wuthering Heights* is a strange sort of book,—baffling all regular criticism; yet, it is impossible to begin and not finish it; and quite as impossible to lay it aside afterwards and say nothing about it. In the midst of the reader’s perplexity the ideas predominant in his mind concerning this book are likely to be—brutal cruelty, and semi-savage love. What may be the moral which the author wishes the reader to deduce from his work, it is difficult to say; and we refrain from assigning any, because to speak honestly, we have discovered none but mere glimpses of hidden morals or secondary meanings.”

detestável deram um retorno em sua maioria negativo para Emily Brontë, embora a força da escrita da autora dificilmente tenha sido negada. A história de sofrimento e vingança de um rapaz estrangeiro no meio de duas famílias tradicionais no norte da Inglaterra, sem uma moral ou final feliz verdadeiramente, não era o tipo de livro indicado para a biblioteca pessoal de uma moça da classe média — maioria constituinte do público leitor dos romances. De fato, como a própria Charlotte Brontë revela, ao falar de sua irmã Emily, sua imaginação era de um espírito mais poderoso e sombrio que ensolarado. Não que os problemas e as denúncias feitas por ela fossem desconhecidos pelo público leitor, como já foi apresentado, mas este não esperava, ao abrir uma obra de romance, se deparar com um espelho revelando a fragilidade de si mesmos frente ao Outro, tampouco de ver as normas sociais sendo subvertidas por esse sujeito marginalizado.

4 O GÓTICO VITORIANO FEMININO E O SOBRENATURAL COMO ESCAPISMO DA MARGINALIZAÇÃO

“‘Let me in – let me in!’

‘Who are you?’ I asked, struggling, meanwhile, to disengage myself.

‘Catherine Linton’, it replied, shiveringly. ‘I’m come home, I’d lost my way on the moor!’

As it spoke, I discerned, obscurely, a child’s face looking through the window – Terror made me cruel; and, finding it useless to attempt shaking the creature off, I pulled its wrist on the broken pane, and rubbed it to and fro till the blood ran down and soaked the bed-clothes: still it wailed, ‘Let me in!’ and maintained its tenacious gripe, almost maddening me with fear.” (BRONTË, 1850, p. 25)

A coroação da Rainha Vitória em junho de 1837 tal como sua morte em janeiro de 1901, marcaram o crescimento de uma produção literária que reflete a realidade social inglesa da época — o crescimento populacional, o avanço da classe burguesa, a abolição da escravidão e o grande avanço científico —, de fato, em poucos períodos da história da Inglaterra sua população vivenciou tantas mudanças. O aumento de mulheres escritoras também foi algo significativo nesse período, nos dando nomes como George Eliot (ou Mary Ann Evans), Mary Shelley e as irmãs Brontë, dentre elas Emily Brontë, autora do objeto de

estudo deste artigo. Dentro desse cenário, a Literatura gótica, que já vinha tendo um grande destaque desde a década de 1790, durante o século XIX ganha uma roupagem um pouco diferente através da crescente produção de obras de autoria feminina dentro do gênero, entre essas obras está o horror gótico *O Morro dos Ventos Uivantes*, escrito pela jovem Emily na residência de sua família em Haworth, no condado de Yorkshire.

O gênero, de modo geral, apresentava dilemas muito ligados ao rompimento com um passado controlado por figuras autoritárias, geralmente do clero ou da aristocracia — classe que também constituía a maior parte do público leitor dessas obras —, ao mesmo tempo que há um certo medo e receio de que esse rompimento com as normas sociais e o paternalismo traga consequências que perturbem a ordem de forma irreversível, instaurando o caos na estrutura social. Jerrold E. Hogle²⁴ divide o gênero em dois tipos: o terror e o horror gótico, o primeiro sendo marcado pela antecipação do medo, mantendo os personagens em um suspense que antecipa uma grande revelação e uma mensagem moral ao final. Já o segundo traz o rompimento com a lógica, trazendo elementos que causam repulsa, nojo e revolta no leitor, sem apresentar necessariamente um desfecho com uma mensagem clara dentro da história. De toda forma, perante o contexto social no qual estava inserido, os aspectos assombrosos do gótico permitiam — e ainda permitem — ao seu leitor que as próprias contradições e aspectos anômalos de sua própria condição fossem lançadas nos seus elementos irrealis e assombrados, sem a necessidade de confronto direto com esses desconfortos.

Ainda sobre esses elementos de horror que se apresentam fora do campo da lógica, estudos da psicanálise analisam esse tipo de projeção da mente, como, por exemplo, o ensaio *O Estranho* (ou *Unheimlich*) de Freud. O estudo de 1919 define essa sensação como conteúdos reprimidos do inconsciente, que retornam a partir de formas que, embora familiares, causam estranheza, e repulsa. Em uma linha parecida, a filósofa e psicanalista Julia Kristeva²⁵ fala sobre o processo de abjeção, que seria, diferente do *uncanny* de Freud, uma projeção do grotesco muito mais intencional e bastante utilizada dentro do horror gótico. O processo de abjeção consistiria em depositar as contradições e anomalias do ser humano em criaturas monstruosas, tornando essas características mais fáceis de serem identificadas e temidas. O abjeto é aquilo que perturba a ordem de tal forma que provoca uma reação psíquica intensa no indivíduo, causando repulsa, desrespeitando limites e regras,

²⁴ HOGLE, Jerrold E. *Introduction*. In: *The Cambridge companion to gothic fiction*, 2002.

²⁵ KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

é um ser pertencente a lugar nenhum. No caso do Morro dos Ventos Uivantes, Heathcliff seria esse sujeito abjeto da narrativa, um órfão de origem desconhecida, um sujeito com sua racialidade ambígua, fazendo os moradores do Morro e da Granja se confrontarem com o "Outro" dentro de casa. Heathcliff perturba todas as estruturas das famílias Linton e Earnshaw (morais, raciais, sociais e sexuais, com sua relação quase incestuosa com Cathy), como afirma Hogle:

“Dessa forma tudo que é abjectado é lançado para baixo de outra forma: transformado em uma figura ou figuras criminalizadas ou condenadas por pessoas com autoridade e, portanto, sujeitado (mais uma vez, lançadas para baixo) ao seu olhar e aos padrões sociais de normalidade que impõem.”²⁶ (HOGLE, 2006, p. 7. Tradução própria)

Como falado anteriormente, a disputa de narrativas entre grupos políticos conservadores e liberais alcançava também a produção literária, principalmente em jornais e periódicos. Isso também ocorre na escrita gótica, onde o gênero flutuava entre esses grupos, nos trazendo dois tipos de narrativas, onde os elementos do medo e do horror são retratados de formas diferentes porque refletem visões de mundo distintas. A teóloga Alison Milbank²⁷ fala que, enquanto os grupos liberais, com muitos de seus escritores pertencentes ao grupo Whig, utilizavam elementos do gótico que representavam uma repressão do povo britânico, trazendo uma ideia de liberação nacional para suas obras, o grupo conservador, muito influenciado pelo partido Tory, traziam essa ideia de aprisionamento e repressão mais centrada no indivíduo, abrindo espaço para uma concepção moderna de um sofrimento travado no inconsciente do personagem principal. Dessa forma, as obras góticas, ainda que tidas como subversivas ao serem comparadas com as obras de romance amplamente lidas e admiradas na Grã-Bretanha, não necessariamente eram revolucionárias. Esses elementos subversivos, aliás, algumas vezes são tidos como desvios da sociedade e são punidos dentro das próprias histórias.

No caso do gótico de autoria feminina, o gênero se apresenta como um modo de expressão desse grupo marginalizado, conferindo uma agência às autoras para falarem elas

²⁶ “By these means all that is abjected is thrown under in another fashion: cast off into a figure or figures criminalized or condemned by people in authority and thus subjected to (again, thrown under) their gaze and the patterns of social normalcy they enforce.”

²⁷ MILBANK, Alison. *The Victorian Gothic in English novels and stories, 1830-1880*. In: HOGLE, Jerrold E. (Org.). *The Cambridge Companion to Gothic Fiction*. 2002. p. 150-151.

mesmas sobre as dificuldades e opressões enfrentadas na sociedade por essas mulheres cujo planejamento de vida era limitado ao casamento ou ao emprego de governanta, situação não muito mais favorável e libertadora. Com o grande crescimento de obras, especialmente no campo da ficção, de autoria feminina no século XIX, alguns críticos, incluindo a escritora Mary Stodart, defendiam que, apesar do apoio ao ofício da mulher escritora, deveria haver uma separação entre assuntos que poderiam ser abordados por homens e por mulheres, trazendo ainda o entendimento de que a dedicação à vida doméstica não deveria ser negligenciada em detrimento da Literatura. Para a professora Kate Flint²⁸, foi por esse motivo que Charlotte Brontë, ao defender sua irmã Emily das qualidades “rudes e estranhas” do Morro dos Ventos Uivantes, ela afirma que foram fruto de uma vida em isolamento social, já que a própria Charlotte, autora de *Jane Eyre*, entre outros romances bastante conhecidos, apesar de trazer certos elementos de protesto em prol da libertação feminina em sua escrita, ainda utiliza o casamento como elemento de desejo de suas protagonistas e encerramento de suas histórias, preservando elementos do Romance melhor recebido pelo público. No caso de Emily, a história de Heathcliff e Cathy não termina da forma convencional, pelo contrário, *O Morro dos Ventos Uivantes*, ainda que apresentando um certo protesto feminista como nas obras de suas irmãs, ele se dá através da própria “subversão das convenções da ficção romântica”, como disse a escritora Virginia Woolf²⁹. De fato, as preocupações dos romances femininos do período se restringiam ao casamento, já no caso dos protagonistas residentes do Morro, sua satisfação reside em uma espécie de união espiritual com o outro, transcendendo o corpo físico, como vemos a partir da fala de Nelly Dean após a morte de Heathcliff no final alternativo do livro, onde ela afirma que ele e Cathy continuam vagando pela charneca com inquietude — suas formas fantasmagóricas, segundo Kate Flint, representando a expressão do desejo romântico não satisfeito em vida —, o livro de Emily Brontë é, sobretudo, sobre desejo, não sobre sua satisfação.

5 CLASSE, RAÇA E GÊNERO COMO DITADORES DA NARRATIVA DO MORRO DOS VENTOS UIVANTES

²⁸ FLINT, Kate. Women writers, women's issues. In: GLEN, Heather (ed.). *The Cambridge Companion to the Brontës*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 170-190.

²⁹ FLINT, Kate. Women writers, women's issues. In: GLEN, Heather (ed.). *The Cambridge Companion to the Brontës*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 176

A narrativa do *Morro dos Ventos Uivantes* se constrói ao redor de forças dentro das estruturas de poder que ditam o destino de seus personagens. Nesse contexto, raça, classe e gênero são as forças motrizes da trama, ditando suas possibilidades e limites. A trajetória de Heathcliff, da sua infância marginalizada ao seu retorno como proprietário, é fruto da violência simbólica e material que o personagem sofre e expõe a rigidez da hierarquia social vitoriana, moldando, também, as relações sociais dentro da obra.

Ao inserir um personagem racializado no meio de duas famílias aristocratas na zona rural inglesa, Emily Brontë evidencia as dicotomias entre natureza e sociedade, desejo e restrição, liberdade e opressão. A partir de uma lente marxista, a leitura de Eagleton traz as contradições de classe e das relações de trabalho entre Earnshaw e Linton. Entretanto, é possível identificar processos de racialização e condicionantes de gênero que permeiam a narrativa, a partir das contribuições de Homi Bhabha e Julia Kristeva. Assim, *O Morro dos Ventos Uivantes* é concebida como uma interseção entre diferentes formas de dominação, sendo sempre atravessadas pelas contradições de gênero, raça e classe, moldando a narrativa e as escolhas de seus personagens.

5.1 Classe e Raça na Construção do “Outro”

Conforme foi falado anteriormente, a trajetória de Heathcliff desde a sua chegada ao Morro, seu período de ausência e seu retorno após seu misterioso enriquecimento, foi marcada pelos atravessamentos que sofreu por ser um sujeito racializado. Sua condição de vítima na infância, embora não o absolve das crueldades cometidas na vida adulta contra as famílias da Granja e do Morro, se justifica ao analisarmos as relações hierárquicas, os valores da sociedade vitoriana e a trajetória desse personagem alienígena dentro dessa estrutura. Esses elementos da história são fruto da visão de mundo da própria Emily Brontë, como já foi visto antes e como afirma o crítico literário Terry Eagleton (1975) essa estrutura é uma “mediação entre o romance e a sociedade, um nexos crucial entre ficção e História” (p. 4).

A partir de uma análise marxista — sendo a primeira do gênero sobre *O Morro dos Ventos Uivantes* —, Eagleton observa a estrutura social do que parece ser a única civilização na região da charneca, onde, de um lado, residem os Earnshaw, que a despeito de serem membros da aristocracia rural e senhores de suas terras, também são os que trabalham nela, “as relações pessoais são mediadas através de um contexto de trabalho” (Eagleton, 1975, p.

106). Do outro lado, na Granja Thrushcross, estão os Linton, de certa forma como parte da mesma classe social de seus vizinhos, mas não possuem contato direto com o trabalho que os sustenta, em uma relação capitalista de dominação da mão de obra da qual, segundo Eagleton, são parasitas. Essa representação era presente na realidade de Emily Brontë, residente do condado de Yorkshire, zona rural da Inglaterra, onde durante o século XIX viu o crescimento da classe burguesa adquirindo propriedades na região, ao mesmo tempo que a aristocracia rural passava a investir suas fortunas na indústria. Essa relação entre as fortunas dos dois lados são exibidas no livro, apesar de pertencentes à mesma classe social, como lados opostos da civilização, marcados por Eagleton como Natureza — no sentido de vida selvagem — e sociedade.

Essa relação simbiótica entre as famílias é interrompida com a chegada de Heathcliff. Sua origem obscura e sem status oferece a chance dessa sociedade restrita de transcender sua estrutura e acolhê-lo, livre de um papel social específico neste espaço. O que acontece na verdade é uma estranheza causada por sua presença e uma violência que é desencadeada pelo desconforto e o medo desse sujeito quase alienígena traz. Essa violência desencadeada pela presença de Heathcliff se vira contra ele, transformando sua potencial liberdade em uma paródia de si mesma através da figura de Hindley — herdeiro da propriedade do Morro e “irmão” adotivo do protagonista —, que, após a morte de seu pai e benfeitor do menino, Sr. Earnshaw, reduz Heathcliff a trabalhador da fazenda, proibindo-o de se confraternizar com a família e de frequentar as aulas com o tutor junto com Cathy, sua irmã postíça e a única pessoa do Morro que o trata como igual. Eagleton (1975) diz que essa liberdade de Heathcliff de ter acesso à natureza sem precisar dar satisfações a Hindley se dá, na verdade, porque não existe uma preocupação com esse menino. É a não-liberdade da negligência sob a opressão econômica e cultural daquele lugar.

O escapismo desse sistema, dentro do romance, é alcançado a partir da relação de Heathcliff e Cathy, que possuem uma relação romântica quase metafísica, “Eu *sou* Heathcliff!”³⁰, foram as palavras da menina para a empregada Nelly Dean ao listar os motivos pelos quais deveria escolher Edgar Linton ao invés de seu irmão adotivo. Ao saber da morte de sua amada, Heathcliff exclama: “Não posso viver sem a minha vida! Não posso viver sem a minha alma!”³¹. Catherine ocupa uma posição interessante nessa estrutura social, já que, por ser a filha mais nova e por ser mulher, era inferior economicamente e

³⁰ BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Citadel, 2021. p. 98.

³¹ Ibidem, p. 194.

socialmente, o que a permite usufruir de certa igualdade com Heathcliff e liberdade desses laços familiares, mesmo dentro de um sistema onde os determinantes sociais são tão presentes. O romantismo do enredo entra em combate com a sociedade, mas ainda assim não consegue transcendê-la, retomando a fala de Kate Flint, essa é uma história sobre desejo, não sobre satisfação. Essa liberdade e escapismo da sociedade para a Natureza são criados à sombra da violência sofrida pelo protagonista, o que, como consequência, leva o Heathcliff adulto a oprimir seus algozes, vendo a opressão como única forma de liberdade do opressor.

Dessa forma, a Natureza não está fora da sociedade verdadeiramente, pois seus conflitos se atravessam, de forma que, após o casamento de Cathy com Edgar Linton e o retorno de Heathcliff, ele reaparece não mais como um sujeito marginal àquela estrutura social, e sim como um aristocrata parte dessa sociedade. Para Eagleton, ao se tornar proprietário das terras dos Linton e dos Earnshaw, ele representa as oposições entre esses dois lugares, a selvageria do Morro e a cultura da Granja, “Sua ascensão ao poder simboliza o triunfo do oprimido sobre o capitalismo e o triunfo do capitalismo sobre o oprimido”³² (Eagleton, 1975, p. 112). A vingança do protagonista é bem sucedida porque ele adentra esse mundo como um alien, sem laços de sangue nem com os Earnshaw nem com os Linton, e justamente por isso consegue, após ficar rico, destruir as estruturas desses dois lugares, destruindo a organização tradicional dos Earnshaw e confrontando a fidalguia rural dos Linton. Contudo, sua satisfação não é alcançada em vida, já que sua devoção estava na figura de Cathy, e após sua morte, Heathcliff adentra um processo de autodestruição, ao mesmo tempo que se torna carrasco de seus algozes, sua posição de vítima não justifica mais suas ações e sua satisfação só é alcançada após sua morte, no campo do sobrenatural, quando seu espírito finalmente se reúne com o de Cathy.

A representação do protagonista da obra de Emily Brontë é um produto da sociedade capitalista e das lógicas de classe, mesmo aparentando certa resistência a ela. Sua rebelião está enraizada nas estruturas que ele busca dominar, é uma deformação da própria lógica social, sua tragédia reside na união conflituosa da rejeição e integração social. Segundo Eagleton:

“Ao colocar-se contra o capitalismo rural e o capitalismo agrário em grande escala, Heathcliff é um símbolo indireto da agressiva burguesia industrial do tempo de

³² “His rise to power symbolises at once the triumph of the oppressed over capitalism and the triumph of capitalism over the oppressed.”

Emily Brontë, uma tendência social alheia a ambas as classes, mas implicada nas suas fortunas.”³³ (EAGLETON, 1975, p. 116. Tradução própria)

5.2 Lugares de Fronteira no Discurso Colonial

Ao realizar a análise de outros estudos sobre o romance e sobre as características da sociedade vitoriana, é possível entender que, apesar da crítica de Eagleton ter realizado uma leitura certa da estrutura social contemporânea à autora do romance e suas representações no livro, observar esses conflitos apenas do ponto de vista de classe é insuficiente para uma verdadeira compreensão da situação de Heathcliff e Cathy. Não apenas no âmbito social da história, mas os próprios elementos sobrenaturais que constituem o gótico da obra são resultado de opressão e violência no campo racial e de gênero desses personagens.

O medo que Heathcliff causa e que desencadeia os ciclos de abuso e violência no seio familiar dos Earnshaw é motivado pela raça. Ela é, também, a ditadora da narrativa tanto na primeira quanto na segunda parte da história. Retomando o pensamento de Julia Kristeva, o protagonista do Morro é o sujeito abjeto da história, em um período onde escravizados ainda eram presentes na zona rural inglesa, um garoto não-branco sendo acolhido dentro de uma família aristocrática era anti-natural — esse desconforto é demonstrado diversas vezes no livro através dos adjetivos destinados a Heathcliff e ao ser tratado, diversas vezes, por *it*, como uma coisa, uma criatura, não um menino —, mesmo para as pessoas de fora desse cenário, como é percebido na chegada de Lockwood na propriedade do Morro, apesar das roupas elegantes e da postura de um cavalheiro, o aspecto constratante com esse cenário continua sendo a aparência de cigano de seu proprietário. Esse reconhecimento imediato do "Outro" é fruto da produção da imagem do colonizado pelo poder colonial³⁴. A imagem desse sujeito estereotipado, segundo Bhabha, surge no discurso colonial a partir da necessidade de articular os modos de diferenciação entre colonizador/colonizado:

“O estereótipo, portanto, como local primário de subjetivação para ambos —

³³ “*In pitting himself against both yeomanry and large-scale agrarian capitalism, then, Heathcliff is and indirect symbol of the aggressive industrial bourgeoisie of Emily Brontë’s own time, a social trend extrinsic to both classes but implicated in their fortunes.*”

³⁴ BHABHA, Homi K. A questão do “Outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Tradução de Francisco Caetano Lopes Júnior. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 186

colonizadores e colonizados — no discurso colonial representa o cenário de uma fantasia e de uma defesa similares — o desejo de uma originalidade novamente ameaçada pelas diferenças de raça, cor e cultura” (BHABHA, 1992, p. 192)

Ao trazer essa discussão sobre as subjetividades que diferenciam o colonizador e o colonizado, Bhabha fala de uma “luta de fronteiras”, esse lugar da construção do sujeito colonial que articula a interpolação de raça e gênero para se justificar e estabelecer-se. É essa diferenciação que é direcionada a Heathcliff durante toda a sua infância e o relega à marginalidade que o pensamento de Eagleton não reconhece. É por conta da raça que Isabella Linton se assusta na primeira vez que o encontra, comparando-o a um ladrão cigano – aqui raça e classe se atravessam, já que ele não é apenas visto como um "Outro" racial, como também é visto como “ladrão”, ligado às classes inferiores. É também por conta dessa diferenciação, em uma relação fobia/fetice do discurso colonial, que ela aceita fugir e casar-se com ele após vê-lo enforcando sua cachorrinha quase até a morte³⁵, a partir do estereótipo da brutalidade do homem de pele escura, a selvageria inata à sua existência.

A escolha trágica de Cathy, ao casar-se com Linton e não com Heathcliff, também tem motivações raciais assim como de classe, ela mesma reconhece isso ao dizer à Nelly Dean que casar com seu companheiro de infância à degradaria³⁶. Contudo, uma terceira dimensão está presente no discurso e nas escolhas de Catherine, sua condição enquanto mulher. Segundo Thea Sofie Pedersen³⁷, Emily Brontë associava a mulher branca com raças não-brancas, ambas como integrantes de posições inferiores na sociedade britânica. No livro, é possível observar essa associação à já anteriormente citada relação de igualdade entre Cathy e Heathcliff sendo ambos oprimidos por Hindley e pelo sistema social, ela por ser mulher, ele por ser um "Outro" racial. Contudo, a classe de Cathy e as expectativas em relação à mulher nessa estrutura demandavam que ela se casasse com alguém como Edgar Linton — branco, rico, civilizado —, Catherine não tem escolha, essa já foi pré-determinada pelas estruturas de poder (Pedersen, 2023). Esse atravessamento dos elementos determinantes da narrativa da obra de Brontë, reflete a organização da sociedade vitoriana, suas noções de hierarquia social, de gênero e dos diferentes níveis de branquitude, e do que era considerado como parte da sociedade britânica e o que não pertencia a lugar nenhum.

³⁵ BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Citadel, 2021. p. 175.

³⁶ Ibidem, p. 96.

³⁷ PEDERSEN, Thea Sofie. *Emily Brontë's Confrontation with Power Structures in Wuthering Heights: Connections between Victorian Race, Class and Gender*. Mastergradsoppgave i engelsk litteratur ved lektorutdanningen trinn 8–13 ENG–3983 May 2023. p. 11.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da obra de Emily Brontë nos estudos literários, tanto do *Morro dos Ventos Uivantes* quanto de suas poesias, passou a ser reconhecida apenas no final do século XIX, após a republicação de seu romance com o celebrado prefácio de sua irmã Charlotte Brontë, revelando a identidade da autora do livro, alguns anos posteriores ao seu falecimento. A partir da fala de Charlotte, aspectos mais subjetivos do livro passaram a ser estudados, o modo de vida de Emily e como suas angústias enquanto parte de um grupo minoritário se tornaram novos pontos de análise da obra. Sua presença entre os quase novecentos autores — sendo menos de uma centena deles, mulheres — considerados canônicos, ou seja, obrigatórios na cultura ocidental, na obra de Harold Bloom (1994)³⁸, é significativa para a tradição literária, sobretudo de autoria feminina, levantando inúmeras discussões sobre as mulheres escritoras pioneiras e as dificuldades encontradas por elas dentro de uma sociedade que tornava tão difícil sua inserção no mercado literário e seu reconhecimento dentro dos gêneros que escreveram. (Dias, 2012, p. 19).

A escritora Virginia Woolf (2022, p. 79), ao falar sobre as diferenças entre o romance escrito por homens e o que era de autoria feminina, diz que os assuntos tidos como relevantes eram sempre os que pertenciam ao universo masculino, logo, a escrita feminina era sempre desviada para um lugar de justificativa ou protesto diante das críticas, “toda a estrutura do romance do início do século XIX era levantada, quando se era mulher, por uma mente tirada do prumo e forçada a alterar sua visão clara em deferência à autoridade externa.” As exceções dessa categoria, para Woolf, foram apenas Jane Austen e Emily Brontë, a segunda, tida por Cecil (1934, p. 148) como uma autora inglesa que, apesar de contemporânea da era Vitoriana, não tinha sua escrita inserida nesse período, trazendo em seu único romance sujeitos diferentes, abordados de uma maneira diferente a partir de um ponto de vista distinto do que foi produzido dentro do gênero no século XIX.

Esses comentários se refletem na crítica publicada nos primeiros anos de lançamento do *Morro dos Ventos Uivantes*, onde os aspectos trazidos neste artigo como não apenas permeantes no enredo, mas que atuam como catalisadores dos principais eventos do livro — a partir da crítica mais recente e dos estudos marxistas e pós-coloniais — ainda não entram

³⁸ BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola das idades*. Tradução de Manuel Frias Martins. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores, 2013.

em discussão entre seus leitores, considerando que o discurso racial, suas problemáticas e seu enraizamento na cultura da época, ainda era um tema subjacente em uma Inglaterra recém saída de um sistema escravista. O que é discutido e criticado pelos contemporâneos à obra, são aspectos relacionados ao caráter dos personagens e ao distanciamento de Brontë daquilo que era esperado em um romance, principalmente um de autoria feminina, após a descoberta da identidade do autor por trás de uma obra tida como tão violenta e sombria, fugindo da passividade e ingenuidade que eram esperadas das mulheres escritoras.

Emily Brontë não escreveu sobre um mundo distante do Presbitério em que viveu com sua família em Yorkshire, sua produção parte apenas da sociedade conhecida por ela desde sua infância. Sua preocupação é com os aspectos primários da vida intocados pelo tempo e espaço (Cecil, 1934, 150)³⁹. No entanto, como buscou-se explorar neste trabalho, analisar a relação dos seres humanos com o espaço cósmico que ocupam é, também, entender sua relação com a sociedade em que estão inseridos e seus códigos de conduta.

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo apresentar o romance gótico *O Morro dos Ventos Uivantes* como fonte histórica possível para compreensão dos discursos de raça do século XIX em conexão com as estruturas de classe e gênero e como esses discursos se apresentam dentro da obra. O romance apresenta, ao mesmo tempo, uma descrição do comportamento do homem branco inglês frente à pessoas não-brancas, e uma crítica a essa estrutura social de supremacia branca do Império Britânico. No entanto, não se dispõe a resolver esse problema e transformar essa estrutura, o que fica evidenciado é, na verdade, a rigidez do discurso racista e como foi construído de modo que permanece até mesmo quando a estrutura social é subvertida, isso é visto no livro quando, após a morte de Heathcliff, as propriedades que ele tomou retornam para as famílias Linton e Earnshaw, através da Catherine mais nova e Hareton.

A partir das relações sociais e de como se constroem dentro do livro, através da visão de mundo de sua escritora, elas se ligam com a sociedade na qual Brontë estava inserida e o lugar que ocupava dentro dela. Levar em conta, também, o espaço no qual o texto se desenvolve — na zona rural da Inglaterra — e o período em que se passa — anterior à abolição da escravidão —, afunila ainda mais o processo de compreensão de como se dão as relações nessa estrutura social, entendendo que “a articulação da história com um lugar é a condição de análise da sociedade. [...] não existe análise que não seja integralmente

³⁹ “[...] Emily Brontë is concerned solely with those primary aspects of life which are unaffected by time and place.”

dependente da situação criada por uma relação, social ou analítica.”⁴⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christine. Readers and writers: “Blackwood’s” and the Brontës. *The Gaskell Society Journal*, v. 8, p. 54–69, 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/45185571>. Acesso em: 9 ago. 2025.

ALTHUBAITI, T. S. *Race discourse in Wuthering Heights*. *European Scientific Journal*, v. 11, n. 8, p. 201-225, 27 mar. 2015.

ALTICK, Richard D. *Victorian People and Ideas: A Companion for the Modern Reader of Victorian Literature*. 1. ed. New York: Norton, 1973. Disponível em: <https://archive.org/details/victorianpeoplei00alti/page/52/mode/2up>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BHABHA, Homi K. A questão do "Outro": diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Tradução de Francisco Caetano Lopes Júnior. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 177-204.

BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Citadel, 2021.

BRONTË, Emily. *Wuthering Heights*. United Kingdom: Penguin Random House, 2003.

BRONTË PARSONAGE MUSEUM. Celebrating a diverse history: Black History. [S.l.]: The Brontë Parsonage Museum, [s.d.]. Disponível em: <https://www.bronte.org.uk/about-us/visions-missions-values/celebrating-a-diverse-history/black-history>. Acesso em: 6 jul. 2025.

CECIL, Lord Devid. *Early Victorian Novelists: Essays in Revaluation*. [S.l.]: Constable and Company Limited, 1934. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.80706/page/n163/mode/2up>. Acesso em: 12 ago. 2025.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAPMAN, M. J. Barbadoes. A poem. *Blackwood Edinburgh Magazine*, London: James Fraser, Regent Street, v. 34, p. 504-505, jul./dez. 1833. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2027/mdp.39015028027913>. Acesso em: 5 jul. 2025.

⁴⁰ Ibidem. p. 69

COOPER, Christopher. *Brontë myths*. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.bronte.org.uk/the-brontes-and-haworth/overview/bronte-myths>. Acesso em: 6 jul. 2025.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A recepção crítica a O Morro dos Ventos Uivantes: questões de mulher e literatura*. Revista Graphos, João Pessoa, v. 14, n. 2, 2012. 38 Ibidem. p. 69

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em o morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. 2011. 282 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *O morro dos ventos uivantes: um romance pós-colonial*. Estudos Anglo-Americanos, n. 37, p. 219-243, 2012.

EAGLETON, Terry. *Myths of power: a Marxist study of the Brontës*. New York: Barnes and Noble, 1975. Disponível em: <https://archive.org/details/mythsofpowermarx0000eagl>. Acesso em: 4 mar. 2025.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLINT, Kate. Women writers, women's issues. In: GLEN, Heather (ed.). *The Cambridge Companion to the Brontës*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 170-190. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521770270.009>.

FREUD, Sigmund. *The "Uncanny" (Das Unheimliche)*. 1919. Disponível em: [MIT.edu](https://www.mit.edu). Acesso em: 5 ago. 2025.

HEYWOOD, Christopher. Africa and slavery in the Brontë children's novels. *Hitotsubashi Journal of Arts and Sciences*, v. 30, n. 1, p. 75-87, 1989. Disponível em: <https://hermes-ir.lib.hit-u.ac.jp/hermes/ir/re/15194/0100800101.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2025.

HOGLE, Jerrold E. *The Cambridge companion to gothic fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JACOBUS, Mary. *Women writing and writing about women*. New York: Barnes & Noble Books, 1979.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-20, 2014. Disponível em:

<https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2014203606> . Acesso em: 6 ago. 2025.

MICHIE, Elsie. From simianized Irish to oriental despots: Heathcliff, Rochester and racial difference. *Novel: A Forum on Fiction*, v. 25, n. 2, p. 125-140, inverno 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1346001>. Acesso em: 4 mar. 2025.

MILBANK, Alison. The Victorian Gothic in English novels and stories, 1830-1880. In: HOGLE, Jerrold E. (org.). *The Cambridge companion to gothic fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 145-166.

M. J. CHAPMAN. Barbadoes. A Poem. *Blackwood Edinburgh Magazine*, London: James Fraser, Regent Street. vol. nº 34, p. 504-505, jul - dez de 1833. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015028027913&seq=519&q1=abolition>. Acesso em 6 jul. 2025.

PEDERSEN, Thea Sofie. *Emily Brontë's confrontation with power structures in Wuthering Heights: connections between Victorian race, class and gender*. 2023. Dissertação (Mestrado em Literatura Inglesa) – Universitetet i Agder. Disponível em: <https://uia.brage.unit.no/uia-xmlui/handle/11250/3085917>. Acesso em: 6 jul. 2025.

PERIŠ, Lucija. *Breaking the taboo: slavery and dehumanization in adaptations of Emily Brontë's "Wuthering Heights"*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Inglesa) – Faculty of Humanities and Social Sciences, Josip Juraj Strossmayer University of Osijek, Osijek, 2017. Disponível em: <https://urn.nsk.hr/urn:nbn:hr:142:193603>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. Las Casas, Alonso de Sandoval e a defesa da escravidão negra. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 12, p. [121]-140, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/9RjmDC9zTrzPRjMMxBRLPhg/>. Acesso em: 6 jul. 2025.

STONEMAN, Patsy. The Brontë myth. In: GLEN, Heather (ed.) *The Cambridge Companion to the Brontës*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 214–241. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521770270.011>

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

WUTHERING Heights reviews. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.wuthering-heights.co.uk/reviews.php> . Acesso em: 10 jul. 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo, a Deus. Em quem meu coração encontra repouso e coragem na caminhada. Agradeço também às muitas mãos que fizeram parte dessa pesquisa e tornaram o processo menos solitário.

À minha família, pelo apoio e carinho, sobretudo aos meus pais, Maria e Rogério, pela certeza que não caminho só nesse mundo. Obrigada por serem meus alunos de faz de conta e por me darem a força e a liberdade pra ser quem eu quiser ser.

A João, meu irmão. Que eu possa ser sempre exemplo e fortaleza na sua trajetória.

Aos meus avós, seu Antônio, dona Nice e dona Deda. Pelo amor, carinho e por terem sido os maiores incentivadores da minha educação. Minha maior satisfação é ser a neta professora de vocês.

Agradeço àquelas com quem aprendi tudo que sei sobre amizade e cumplicidade, minhas primas Hanna e Larissa.

A Nívia, minha amiga mais antiga. É bom demais saber que existe alguém que, não importa em qual lugar do mundo esteja, sempre vai me conhecer e me amar.

A Clara, minha amiga de graduação e parceira de profissão e de vida, que me ensinou tanta coisa e é tão parecida comigo que as pessoas não sabem mais nos distinguir. Se nada tivesse dado certo na graduação, só os nossos cafézinhos com bolo já teriam feito valer à pena os últimos quatro anos. Obrigada por ter tornado a rotina mais leve e engraçada.

A Davi, Mariana, Alana e Léo, meus amigos que a vida trouxe de surpresa. Com quem eu rio até doer a barriga, mas sei que tenho um ombro se precisar chorar. Que bom que é ter vocês pertinho.

Aos meus amigos e companheiros de graduação — os que permaneceram e aos que decidiram trilhar novos caminhos —, as tardes sem vocês não teriam sido tão divertidas e produtivas. As dores e alegrias compartilhadas foram meu combustível diário nessa empreitada.

Aos meus amigos de escola, que são parte de quem eu sou desde antes de eu saber quem era. Os que não vejo há dez anos ou três meses, carrego todos no meu peito com carinho e gratidão.

A professora Marília, minha orientadora, pela paciência e acolhimento nesse árduo processo. Minha mais sincera gratidão e admiração.